

O ‘DESGARRAMENTO’ COMO ESTRATÉGIA DE FOCALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Unattached structures as focusing strategy in Brazilian Portuguese

Maria Beatriz Nascimento Decat (UFMG)

Resumo

Este trabalho apresenta uma discussão sobre estruturas que ocorrem como um enunciado independente, por isso denominadas “desgarradas”, consideradas, pelos estudos de orientação tradicional da língua, como orações subordinadas sem a principal. Numa abordagem funcionalista, baseada na língua portuguesa em uso, propõe-se considerar o ‘desgarramento’ como uma estratégia de focalização para atender a objetivos comunicativos do usuário da língua, constituindo uma opção organizacional a serviço da interatividade. Primeiramente, parte-se da discussão de aspectos que não são apropriados para caracterizar essa estratégia para, em seguida, serem feitas considerações sobre as características mais marcantes das estruturas “desgarradas” em seu uso a serviço da argumentação. Os dados aqui exemplificados são, em sua grande maioria, de língua escrita, por ser nessa modalidade que se torna mais evidente a ocorrência do fenômeno.

Palavras-chave: estruturas desgarradas; focalização; articulação de orações; opção organizacional; Funcionalismo

Introdução

Desde 1999 (DECAT, 1999), venho estudando um tipo de estruturas muito recorrente em português, a que chamei, por um impulso pouco adequado (veremos depois por quê) - ou inadvertidamente - de “desgarradas”, conforme exemplifico abaixo:

- (a) O rapaz não passou no concurso. **Embora tivesse estudado bastante.**¹
- (b) Quando os ladrões entraram em sua casa, ela deu um grito. **O que assustou a toda a vizinhança.**²

A metáfora presente no uso desse termo teve duas consequências: por um lado, passei a ser chamada, várias vezes, de “a moça das desgarradas” - expressão que tem, na delicadeza do uso de termo relacionado à mocidade, seu ponto positivo; por outro, a noção

¹ Exemplos criados por introspecção são identificados por letras entre parênteses.

² Neste trabalho, todas as estruturas desgarradas estão marcadas em negrito, preferencialmente; outros recursos como itálico e sublinhado são, por vezes, utilizados para estabelecer alguma diferenciação entre as estruturas.

de ‘desgarramento’ que a expressão “estrutura desgarrada” carrega proporcionou uma leitura/interpretação equivocada da maneira como eu analiso esse fenômeno. Por força disso, enfoco, inicialmente, **o que não é ‘desgarramento’**, pelo menos na visão desta funcionalista convicta!

Para isso vejamos, primeiramente, algumas ocorrências dessa estrutura em português, a partir do excerto de texto a seguir:

- (1) A percepção de perda de representatividade, de corrosão das instituições e de descrédito com a política continua crescendo. Esse clima abre caminho para algo novo. **Que pode ser bom ou ruim.** (...)

A democracia representativa falhou em garantir o respeito aos anseios de sociedades plurais e complexas. Isso não significa, por outro lado, que a solução seja negar a política e suas instituições. **Que podem não ser perfeitas, mas é o que temos neste momento.** (...)

A alternativa a isso, historicamente, passou por saídas rápidas, vazias, populistas e, não raro, autoritárias e enganosas. **Porque não há nada mais político do que algo que se diz não-político.** E temos vários exemplos de não-políticos, quase-políticos, mais-do-que-políticos e não-sou-nem-deixo-de-ser-político, na fila de espera. (...)

Pior do que saber que haverá uma tempestade no horizonte é não conseguir nem enxergá-lo. E os que reclamam da fumaça que turva a vista foram os mesmos que atearam fogo em tudo. **Três vezes loucura.**

(SAKAMOTO, Leonardo. *Quem pariu o clima de loucura na política não pode reclamar de Luciano Huck*. Blog do Sakamoto – UOL NOTÍCIAS – 09/02/2018, 21h09min).

No trecho dado em (1), temos quatro estruturas que exemplificam casos de ‘desgarramento’. As duas primeiras constituem o que, na Gramática Tradicional, se conhece como orações relativas explicativas, ou, em termos mais modernos, orações relativas apositivas. Como podemos ver, essas estruturas ocorreram como enunciados independentes, contrariando, pelo menos no que diz respeito à forma como estão materializadas - depois de ponto final - o que a gramática normativa postula no que se refere à pontuação correta, segundo a qual essas estruturas deveriam vir após uma vírgula. O mesmo se pode dizer para a terceira ocorrência, que exhibe, em termos genéricos, uma relação de motivo/causa com a porção textual que a antecede no texto. Ora, estruturas como essa, por terem o caráter de subordinadas, não poderiam, segundo a tradição

gramatical, ocorrer de forma isolada de sua oração principal. A última ocorrência traz um caso de ‘desgarramento’ a que Ono & Thompson (1994) chamam de SNs ‘soltos’ (Sintagmas Nominais ‘soltos’), exatamente por ocorrerem de forma independente e, mesmo assim, servindo a uma função comunicativa - no caso, uma *avaliação*.

Também é muito recorrente no português escrito uma estrutura como a exemplificada a seguir:

- (2) Agregue-se a isso, a proibição, com o advento da Revolução de Outubro de 1930, das línguas e dialetos originais falados por milhões de descendentes de imigrantes estrangeiros, especialmente italianos e alemães, vindos para o Brasil, com passagem paga pelo governo daqui, para suprir a carência de mão de obra decorrente da proibição do tráfico negreiro e da abolição da escravatura. **Proibição que teve em vista forçar a disseminação, também no cotidiano, de uma língua nacional.** (MARTINS, José de Souza. *Aliás, a semana revista* – ESTADÃO).

Tem-se, nesse caso, uma estrutura de função apositiva, em que se retoma, por repetição, o referente da oração relativa - “proibição” - dando origem a uma estrutura do tipo [. Nome + que], toda ela considerada, por mim, como um aposto, uma oração relativa apositiva (e não um nome + oração relativa). E é no texto desse mesmo autor que ocorre uma oração concessiva em sua forma “desgarrada”, solta, independente, como em (3) e (4), a seguir. Ressalte-se que, em (4) – um anúncio publicitário de Portugal –, ocorre uma desgarrada temporal.

- (3) É falso que a “classe dominante” use a norma culta. Frequentemente, empresários urbanos e rurais tropeçam nas normas da língua. Basta acompanhar falas e debates da Câmara e do Senado para testemunhar o reiterado atropelo de nossa língua nacional pela elite do poder. **Sem contar que durante oito anos um presidente da República valeu-se de suas próprias regras linguísticas para falar à nação e ao mundo.** (id. ib.)
- (4) Visite já os escritórios da GreiMed e realize o seu sonho. **Enquanto pode.** (VISÃO, n.343, Lisboa, 7 a 13 de outubro de 1999, p. 13).

Para fechar essa introdução, observemos o título de matéria produzida por Valmir Moratelli e publicada no portal UOL.COM.BR, que acessei em 05 de junho de 2018:

(5) Instantâneos de realidade do Brasil e do mundo

(ESPAÇO DA FOTO) **Quem manda em casa é Malvino, diz Kyra Gracie. Que luta contra machismo.**³

Imagem: André Rodrigues/UOL
(MORATELLI, Valmir. Para Universa - 05/06/2018).

Transcrito aqui da forma como apareceu no referido portal, podemos perceber a ocorrência de uma oração relativa solta, desgarrada, e já no título. Seria isso um ‘erro’, assim como nos demais exemplos? Seria uma falha na capacidade de construção/produção textual por parte dos autores dos trechos citados acima?

Meus estudos sobre as estruturas desgarradas culminaram (DECAT, 2011, p. 129) com a proposta de se tratar o ‘desgarramento’ como um mecanismo “a serviço da estratégia de focalização, destacando a relação semântica mais frouxa entre os enunciados, permitindo considerar-se a estrutura *desgarrada* como correspondendo a um ato de fala por si”. Estamos diante, pois, de uma estratégia de focalização que decorre também da necessidade de ressaltar o rema. Assim, uma estrutura ‘desgarrada’ está a serviço da interatividade, permitindo produções textuais diversas, como veremos mais adiante. Por ora, interessa ressaltar o que não caracteriza ‘desgarramento’, o que faço logo a seguir.

1. O que o ‘desgarramento’ não é

Um primeiro aspecto a ser ressaltado é de que desgarramento não significa ‘deslocamento’, separação, exclusão! No meu modo de entender, não existe exclusão, porque não parto desse pressuposto não funcionalista. Ser uma estrutura ‘desgarrada’ não significa que ela tenha ocorrido, antes, numa forma acoplada a outra oração, em

³ O tamanho da fonte utilizada nessa parte do exemplo tentou retratar o *layout* original publicado no portal referido.

termos de sua materialização linguística. Dizendo mais claramente, uma estrutura desgarrada, do tipo oração subordinada adverbial concessiva – como a que ocorre no exemplo (6), a seguir –

- (6) Oi, Débora,
finalmente me sentei para olhar as mensagens! Obrigada pela singeleza da atitude!
Desejo a você e a Jorginho paz e felicidade. E que possamos tomar muitos vinhos e
jogar muita conversa fora. **Embora eu saiba que a meneirice (sic) não permita.**
Abs. Celeste
(E-mail enviado em 24/12/2008)

não decorre de uma estrutura em que ela aparecesse primeiro como parte de outra oração - a principal - e se separou por algum motivo (que seria até difícil determinarmos!). A estrutura desgarrada não vem de outra, mas ela tem existência própria, no sentido de que ela já foi materializada assim, por força da intenção comunicativa do falante/escritor. Portanto, trata-se de uma escolha, uma opção do falante ao construir seu texto, sua fala, com uma estrutura à qual ele já atribui a focalização que ele deseja dar, a ênfase que ele atribui.

Disso decorre que ‘desgarramento’ não é também um fenômeno derivado de uma operação/transformação de uma estrutura chamada ‘original’, em que a oração não vinha desgarrada; a estrutura desgarrada já é produzida na forma independente, servindo aos objetivos comunicativos do falante (de focalização, de manifestação de expressividade). Não se trata de uma estrutura que antes ocorreu ‘presa’, encaixada em outra e que, por decisão de algum tipo, foi ‘transformada’ em outra. Não consiste na substituição de uma estrutura por outra, ou seja: a estrutura com a oração nela encaixada, e a estrutura em que a encaixada ‘se desgarrou’. Os dois tipos de estrutura (ou de materialização) ocorrem em português; uma estrutura não elimina a outra. Não há ‘precedência’ de ocorrência da estrutura ‘completa’ em relação à estrutura desgarrada (por vezes chamada de ‘incompleta’). Ela já foi construída assim! Desse modo, as duas estruturas continuam a existir na língua, até o momento em que uma se torne mais frequente do que a outra, que acabará desaparecendo, ou não, como mostram os exemplos a seguir.

(7) (Entrevistador) *Como encara as críticas negativas que, de forma generalizada, têm sido feitas Herman SIC?*(Herman José) São as mesmas que me têm feito desde que me estreei, em 1981[...]. Salvo raras exceções, os críticos distraem-se a falar de mim, **o que acho excelente**. (VISÃO, nº 369, 6 a 12 de Abril 2000, p. 15-17) – Português europeu

(8) Estava sem assunto. **O que não deve surpreender ninguém.**

Afinal, esta é praticamente uma constante. Estou sempre sem assunto. Mas aí tocou o telefone. Era a Adriane Galisteu.

(Artur Xexéo, JORNAL DO BRASIL, 3 de set. de 1999)

Pode-se dizer que estamos diante de uma mudança em curso. Entretanto, esse ‘curso’ se prolonga demasiadamente - se é que se pode falar assim -, pois as desgarradas são encontradas em outras sincronias bem mais distantes da atual⁴. No meu entender, são duas opções de uso que a língua tem; a escolha entre elas fica por conta do falante, dependendo do que ele quer comunicar.

Um segundo aspecto a ser considerado é o de que ‘desgarramento’ também não tem relação com apagamento, isto é, não decorre de eliminação da oração principal, como no caso de estruturas que carregam certo grau de expressividade, como (c) e (d), a seguir:

(c) Se eu ganhasse na Sena!....

(d) Se seu pai souber disso...

Ainda que não haja a oração principal explícita no ambiente sintático anterior à desgarrada, é possível, de certa forma, recuperá-la no próprio cotexto ou no contexto, pois ela mantém algum tipo de dependência pragmática com o material anterior e também alguma(s) propriedade(s) sintática(s) de uma oração subordinada prototípica (presença de conector subordinativo, por exemplo). Digo mesmo que a estrutura desgarrada não pode ser analisada sem o contexto ou o cotexto, pois eles é que vão mostrar com que outra porção textual - ou com que outra oração - a estrutura desgarrada se relaciona.

Como terceiro aspecto da presente discussão, gostaria de destacar que ‘desgarramento’ não equivale a coordenação. As orações se apresentam na forma

⁴ Não vou tratar, aqui, de outras sincronias, por limitação de espaço.

desgarrada, ou seja, ocorrendo isoladamente, volto a dizer, como um enunciado por si mesmas. A noção de subordinação permanece (ou a função de subordinação). Em termos da Teoria da Estrutura Retórica⁵ - RST - que é uma teoria funcionalista que se ocupa da descrição da estrutura organizacional do texto, de sua estrutura retórica, procurando mostrar como as partes (sejam orações ou porções maiores) se relacionam com vistas à coerência do texto -, podemos dizer que as orações desgarradas são satélites de uma porção anterior no discurso, como representado na figura abaixo

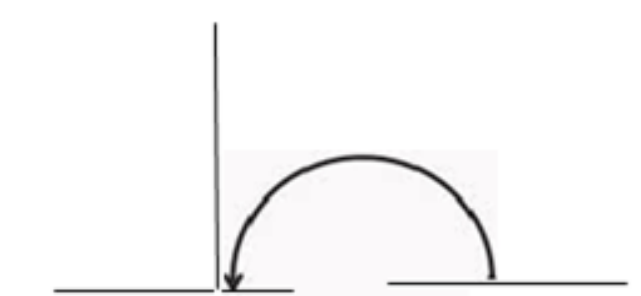


Figura 1 – Relação núcleo-satélite

a qual pode ser uma oração com a qual a desgarrada se relacione, ou uma outra porção textual qualquer (por exemplo, todo um período, um parágrafo, um conjunto de orações etc.). Na coordenação, as orações são, cada uma, um núcleo, como mostra a figura a seguir,



Figura 2 – Relação multinuclear

e a relação entre várias coordenadas é multinuclear. Só se dá a ocorrência de desgarrada quando esta mantém, com a porção anterior (núcleo), uma relação subsidiária (satélite), elaborando o núcleo, explicando, avaliando etc. Por esse motivo, pode-se dizer que as

⁵ Teoria desenvolvida por funcionalistas da costa oeste dos Estados Unidos, tendo como iniciadores William Mann, Sandra Thompson e Christian Matthiessen. O texto considerado marco dessa teoria é o de Mann e Thompson (1988). Outras informações podem ser acessadas no site <http://www.sfu.ca/rst>

coordenadas são independentes semanticamente; mas as subordinadas ainda mantêm um vínculo semântico-pragmático com a porção anterior.

Os exemplos a seguir ilustram essa característica:

- (9) Levantar cedo, acordar os filhos, seguir para o trabalho, fazer compras, ir buscar os filhos,
fazer o jantar, sorrir ao marido. Sempre com boa disposição. **Mesmo sabendo que, amanhã, vai ser tudo igual, igual, igual...** (VISÃO, nº 343, 7-13/10/99, p. 79 – Português europeu)
- (10) E o governador do DF demitiu mesmo o gerúndio. **Sendo que o problema de Brasília não é o gerúndio, é o passado.** E não é questão de verbo, mas de verba! (JOSÉ SIMÃO, *Buamba! O Congreço é um suceço!* FOLHA DE SÃO PAULO – Ilustrada, 04/10/07 – On line)

2. Afinal, o que é ‘desgarramento’? Como se caracterizam as estruturas desgarradas?

Como já anunciado no início deste artigo, o ‘desgarramento’ é uma opção do falante ao construir seu discurso, para fins de **focalização** ou expressividade (no caso das exclamativas subordinadas, do tipo de (c) e (d) dadas anteriormente). Trata-se de uma questão pragmática, entendendo essa última como o estudo da maneira como os falantes organizam suas mensagens a partir de seus objetivos comunicativos. São, portanto, estruturas que revelam a parte a que o produtor do texto quis dar ênfase. Ressalte-se, portanto, a relevância interacional do ‘desgarramento’, ou da ocorrência ‘desgarrada’, de uma oração, seja ela adverbial, relativa apositiva ou que esteja com o verbo em alguma de suas formas nominais – mais especificamente, as orações (reduzidas) de gerúndio, infinitivo e particípio. As estruturas desgarradas se dão no Nível Interpessoal (tendo a metafunção interpessoal, segundo Halliday (1994[1985]), ou seja, o da interação entre falante/escritor e ouvinte/leitor. Bechara (1999, p. 48 e ss.) já aponta a necessidade de se considerar a “camada superior do texto” na análise da língua. Segundo ele (p. 49), há estruturas que “manifestam funções sintagmáticas no nível do texto”. Embora o autor estivesse se referindo à coordenação (que não é o caso aqui), podemos atribuir às estruturas desgarradas o mesmo tratamento.

A partir dos dados que venho examinando já há algum tempo, é possível dizer que as estruturas desgarradas são hipotáticas. Melhor dizendo, somente estruturas de hipotaxe (portanto, orações adverbiais e relativas apositivas) ocorrem desgarradas. As estruturas de subordinação por encaixamento não ocorrem desgarradas, excetuando-se os casos em que a necessidade de ênfase leva o usuário a elaborar uma espécie de ‘enumeração’, como as estruturas sinalizadas em itálico em (11) a seguir, as quais, por sua vez, constituem o sujeito (orações completivas subjetivas) da estrutura anterior, uma desgarrada com valor condicional – “se ficar claro”.

- (11) Todas as sugestões feitas nos textos anteriores só farão sentido se os professores estiverem convencidos — ou puderem ser convencidos — de que o domínio efetivo e ativo de uma língua dispensa o domínio de uma metalinguagem técnica. **Em outras palavras, se ficar claro que conhecer uma língua é uma coisa e conhecer sua gramática é outra.** *Que saber uma língua é uma coisa e saber analisá-la é outra. Que saber usar suas regras é uma coisa e saber explicitamente quais são as regras é outra. Que se pode falar e escrever numa língua sem saber nada “sobre” ela, por um lado, e que, por outro lado, é perfeitamente possível saber muito “sobre” uma língua sem saber dizer uma frase nessa língua em situações reais.* (POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola?* Campinas, SP: Mercado das Letras, 1996, p. 53-54) (Grifos meus)

As relativas restritivas, que são encaixadas num sintagma nominal (SN) – estando, pois, em constituência com outro termo do sintagma - também não ocorrem desgarradas, salvo se houver, por parte do falante, alguma intenção comunicativa de focalizá-las.

O ‘desgarramento’ deve ser visto, pois, como uma estratégia de focalização, permitindo que se perceba uma relação semântico-pragmática mais frouxa entre os enunciados. Dessa forma, a estrutura desgarrada será vista como um ato de fala por si, um único ato discursivo, mantendo relações retóricas com o restante do texto. Por isso, estruturas como as desgarradas devem ser analisadas no nível discursivo, para que se possa perceber suas funções dialógicas. Nesse ponto é que podemos retornar à Teoria da Estrutura Retórica, citada na seção anterior, que irá trabalhar não com as noções de oração principal e subordinada, mas com a relação retórica de núcleo-satélite mantida entre duas porções textuais - estejam, ou não, ligadas por conectivos -, entre as quais emerge uma relação semântica ou relação de coerência. E é com base nas relações propostas pela RST

que se pode apontar a não existência de diferença de análise entre enunciados com ou sem estrutura desgarrada. Exemplificando, é possível explicar da mesma forma tanto uma estrutura com desgarramento quanto outra em que essa estratégia não foi utilizada, como no caso dos exemplos (7) e (8), dados anteriormente, em que a mesma oração relativa apositiva aparece, num caso - o exemplo (7), como parte do enunciado, e, no outro - o exemplo (8) -, como um enunciado à parte, independente. A estrutura desgarrada em (8) não tem um vínculo formal com a porção antecedente, mas tem o mesmo vínculo semântico com o enunciado precedente; ou seja, em ambos os casos, a oração relativa apositiva **elabora** a porção anterior, ou **avalia**, sendo que, no caso de (8), essa relação semântica recebeu uma carga focalizadora, através do ‘desgarramento’.

A estratégia do ‘desgarramento’ ocorre tanto na modalidade oral quanto escrita da língua. Na escrita, a materialização dessa estratégia se dá pela pontuação de final de sentença. Melhor dizendo, ela ocorre entre dois pontos finais, como nos exemplos vistos até aqui (ou precedida de um ponto final, ou após um ponto final). Assim, não se trata de desgarramento quando a oração vem depois de ponto e vírgula, vírgula, travessão (esse último merece maior discussão) etc. Na fala, o desgarramento se materializa pela curva entonacional descendente (característica de final de frase) da porção anterior; e há sempre uma pausa antes da desgarrada (o que corresponde, na escrita, ao ponto final da porção antecedente), pausa essa representada nos exemplos a seguir por reticências:

(12) porque o problema que acontece () é que eu não vou chegar em Belo Horizonte no mesmo dia...vou ter que dormir ou em Campinas ou dormir na divisa...ou em Teófilo Otoni... **se o tempo der** (SSA/D2-98, apud SOUZA, G.C., UNESP/IBILCE, 2003)

(13) e tinha o parto... que era outro risco... **porque eu tenho uma queda de pressão:: violentíssima né?** (NDO4F, 15, 277-280 – apud DECAT, 2001, p. 125)

(14) eu quero:... trabalhar... com o... cotidiano do corpo na escola... de primeiro grau... **principalmente porque é o meu trabalho né?** (NDO3M, 2, 57-59, apud DECAT, 2001, p. 142)

(15) mas realmente então está encerrado... mas gostaríamos demais de mais filhos... **embora eu fique quase biruta...** (D2-SP-360:90-94)

Ou, ainda, em (16):

- (16) ...apartamento com vista pra favela [vídeo interrompendo o fluxo da fala] **de onde já partiram balas** (Jornal Nacional, Rede Globo de Televisão, 24/02/07)

O exemplo (16) evidencia um tipo muito recorrente em falas televisivas, por exemplo, em que se tem a inserção de vídeos explicativos na notícia veiculada. Ao término do vídeo, o locutor retoma a fala, começando por uma oração *desgarrada*, muitas vezes iniciada por uma forma verbal no gerúndio. Também a estrutura dada em (e) - que constitui um dado de introspecção construído com base em inúmeras ocorrências ouvidas na rede televisiva brasileira - exemplifica esse uso em português:

- (e) chegou o Cirque du Soleil... o maior espetáculo de dança e acrobacia dos últimos tempos... [VÍDEO]... **lembrando que as apresentações começam no próximo mês...no Rio de Janeiro** (frase-tipo: telejornais e rádios)

Para demonstrar a ocorrência de uma estrutura desgarrada a serviço da interatividade, observemos o exemplo (17), a seguir, retirado de Neves (1999, p. 567):

- (17) L1: é, a cachoeira é bonita

L2: Muito bonita

L1: **Se bem que agora você não vê...**

(D2-SSA-98; 1.22, p.25 e 1.1-2, *apud* NEVES, 1999, p. 567)

Em (17), os objetivos interacionais permitiram uma produção textual conjunta, mostrando o ‘desgarramento’ funcionando na organização do fluxo informacional.

O ‘desgarramento’ é, pois, juntamente com a Topicalização e a Clivagem – como em “É dinheiro que João quer” (clivada) e “O que João quer é dinheiro” (pseudoclivada), *apud* Oliveira e Braga (1997) - uma estratégia de **focalização**, com vistas a diferentes funções pragmáticas e/ou textual-discursivas, tais como: elaboração (as relativas apositivas, de modo geral); avaliação (também orações relativas e SNs ‘soltos’); retomada/recapitulação/ponte de transição - as de formato [. N + Especificador + Que]; adendo (ou mesmo parentético), que são apresentadas a seguir.

Da forma como visto até aqui, o ‘desgarramento’ caracteriza-se como uma **opção organizacional** de que se vale o usuário da língua para atingir seus propósitos comunicativos. Dentre as funções exercidas pelas estruturas desgarradas, ressaltam-se:

A) Avaliação – a estrutura desgarrada traz uma avaliação do que é dito na porção anterior. E isso tanto pode se dar através de SN ‘solto’, como em (18),

- (18) Pior do que saber que haverá uma tempestade no horizonte é não conseguir nem enxergá-lo. E os que reclamam da fumaça que turva a vista foram os mesmos que atearam fogo em tudo. **Três vezes loucura.** (SAKAMOTO – *Quem pariu o clima de loucura na política não pode reclamar de Luciano Huck* – Blog – 09/02/2018)

ou como oração desgarrada, como (19) a seguir:

- (19) Este o teor da carta recebida do leitor Aresio Marques, pescador que acredita na existência do caboclo d’água. **Um direito que lhe assiste.** (BARRETO, Plínio. *Caboclo de novo*, ESTADO DE MINAS, 12/06/04, p.2).

B) Retomada (ou recapitulação) - O usuário procura reaver, de alguma forma, uma informação (através de um termo ou de uma ideia) que foi dada anteriormente no texto (por isso também chamada de “recapitulação”, por Ono & Thompson, 1994), como se pode ver nos exemplos (20) e (21):

- (20) O mais impressionante dessa história é medo que o mundo ocidental sentiu, depois do assassinato desse líder. **Medo que mantém a lógica do terrorismo na crista da onda.** Incrível, mata-se o representante do terror e o terror aumenta! (SADDI, Luciana. *O corpo de Osama*. <http://falecomigo.folha.blog.uol.com.br> – 05/05/2011)

Também com função de retomada/recapitulação são as duas estruturas sinalizadas em (21), a seguir, a primeira em negrito e a segunda em itálico, ambas do tipo [. N + Especificador + Que], como apontado anteriormente.

(21) Fica, então, a questão do próprio estatuto dessa apreensão abstrata do contexto: ela não é apenas uma restrição metodológica ilusória, uma forma de ocultar “o impudor” do trabalho psicossocial que funciona em qualquer produção textual? **Trabalho esse que consiste em decisões descritas por Adam, aliás, de forma muito explícita** (*op. cit.* p. 27). *Decisões essas que são tomadas por um agente-produtor determinado, posto em uma situação de interação precisa, e que se traduzem por formas de discurso cujas propriedades formais ou linguísticas específicas, em última instância, só podem ser explicadas fazendo-se referência a esse trabalho específico do agente.* (BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo.* São Paulo: EDUC, p. 147-148)

C) Especificação/elaboração – o usuário elabora um termo ou uma ideia dada anteriormente.

(22) E naquela noite, Célius, ao sair da sede do *Jornal da Cidade*, notou que estava sendo seguido por um dedo-duro. **Um cara que, pelos favores prestados à repressão, ganhou um polpudo cargo em um banco oficial.**” (VIANA, Arnaldo. *Uma avó e um 38 atrás da cortina.* ESTADO DE MINAS, Caderno CULTURA, 29/06/2012, p. 6).

D) Adendo – a estrutura desgarrada veicula informação que é dada tardiamente, como um acréscimo, uma informação suplementar; e, por isso, muitas vezes tem um caráter parentético. Essa natureza do adendo permite explicar porque essas estruturas são sempre pospostas.

(23) Outra coisa que aprendi: como morador, se tiver um automóvel, tenho direito a estacionar no meu bairro e em alguns bairros selecionados de acordo com o imposto que pago daquela área. **O que faz com que tenha sempre lugar para os moradores daquele bairro estacionarem.** (AZEVEDO, Guilherme. *Lula é um homem de marketing intuitivo muito forte, diz Washington Olivetto.* <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas>> - São Paulo -21/04/2018)

Quero ressaltar a força focalizadora no exemplo (24), a seguir, em que a estrutura desgarrada, com função de adendo, adquiriu também o caráter parentético, evidenciando mais ainda a função interlocutiva, interpessoal:

- (24) A forma escrita descontextualiza a piada, priva-a de boa parte de sua força emocional, do privilégio e da proteção do grupo fechado. Apenas quando nos imaginamos nas circunstâncias originais e nos lembramos de nossa humanidade comum, é que podemos apreciar a maioria dessas antigas piadas. **(Muito embora eu tenha passado pela experiência de tentar demonstrar a fragilidade de uma dessas piadas velhas, contando-a a um grupo, o que resultou em gargalhada geral.)** O leitor solitário pode imaginar-se no grupo, mas também pode colocar-se como o estranho, caso em que a piada pode ofender quando, originalmente, não havia essa intenção. (BREWER, Derek. Livros de piada em prosa predominantes na Inglaterra entre os séculos XVI e XVIII. In: BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman (orgs.). *Uma história cultural do humor*. Tradução de Cynthia Azevedo e Paulo Soares/ Nota Assessoria – Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 133-163)

A estrutura desgarrada exemplificada acima é uma concessiva complexa, na qual existe até uma oração relativa apositiva sem estar desgarrada, como costuma acontecer. O interessante nesse exemplo é que a **necessidade de focalizar** algo com vistas à argumentação leva o autor (ou o tradutor, no caso) a colocar a estrutura entre parênteses, o que a torna ainda mais desgarrada! É diferente de uma inserção, pois essa costuma vir através de uma estrutura completa, em termos de constituintes da oração, como em (25), trecho retirado do mesmo autor dado em (24), em que ocorre uma estrutura colocada também entre parênteses, mas que não é uma desgarrada, é tipicamente uma inserção:

- (25) Ele também as tinha anotado em outubro, mas, infelizmente, o livro de contos se perdeu. Há outra referência a elas em 28 de março de 1664. **(Pepys registra a história de uma engenhosa fraude de seguro em 30 de novembro de 1663, mas não fica claro se ele a achou engraçada.)** (id. ib.).

Uma última palavra aborda o aspecto **posição** da estrutura desgarrada, o qual tem sido objeto de alguns equívocos. No meu entender, e levando em conta, principalmente, o caráter de adendo das estruturas desgarradas, não se pode falar em ocorrência anteposta dessa estrutura, dado também o seu caráter anafórico, ou seja, de relação com alguma

porção textual anterior com a qual se combina. ‘Ocorrer desgarrada’ já diz, a meu ver, que ela vem após algo com que se relaciona, semântica e pragmaticamente, constituindo uma unidade de informação à parte.

Observemos, por exemplo, o trecho a seguir:

(26) O STF retorna à civilidade quando em discussão o direito de conceder ou não a prisão domiciliar para José Genuíno e liberar o trabalho externo para 4 apenados. O Ministro Barroso nega a Genuíno a prisão domiciliar e é seguido pela maioria. (...) **Quanto ao trabalho dos 4 apenados que recorreram da decisão monocrática de Joaquim Barbosa em negar-lhes tendo em vista a lei dizer que o apenado em regime semi-aberto teria que cumprir um sexto da pena, e que dentro dos tribunais, inclusive no Superior Tribunal de Justiça já existia jurisprudência de não se exigir o cumprimento de um sexto do tempo de prisão.** Por maioria foi sacramentada essa jurisprudência e os 4 condenados da ação penal 470 serão beneficiados. (MENELEU, Raul. *STF retorna à civilidade* – 25/06/2014 – via Facebook - Disponível em www.publikador.com/direito/meneleu/2014/06/stf-retorna-a-civilidade/)

O trecho destacado em (26), se for considerado um caso de estrutura desgarrada anteposta, não tem significado, porque não há como recuperar um referente. Nesse caso, sim, pode-se falar em ‘erro’ de construção do texto. É o que comumente se chama de ‘período inacabado’. E essa não é uma característica das estruturas desgarradas. Ao contrário, a forma de sua ocorrência é resultado de uma escolha do falante/escritor para atingir determinado objetivo comunicativo dentro da interlocução.

Uma argumentação em favor da posição anteposta de uma estrutura desgarrada poderia valer-se de ocorrência tal como a dada em (27):

(27) (...) Os seus dez romances em conjunto são, desde já, um fato da história literária; cada um daqueles romances é um fato, todos eles são cheios de fatos numa riqueza que é a da própria vida orgânica, espontânea e como que sem problema. José Lins do Rêgo não é um escritor problemático.

Verificação que me deixa perplexo. José Lins do Rêgo não é um escritor problemático como não é problemática a própria vida. Então, como é? A vida não seria problemática? A riqueza poética de José Lins do Rêgo é a vida orgânica antes de tornar-se problemática: é orgânica, espontânea, inconsciente. (CARPEAUX, Otto Maria. O

Brasileiríssimo José Lins do Rêgo (Prefácio). In: RÊGO, José Lins do. *Fogo Morto*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1972, p. 21-22.)

A estrutura desgarrada em (27) está, graficamente, começando um parágrafo, o que leva facilmente à afirmação de que se trata de uma desgarrada anteposta. No entanto, o que se tem aí é meramente um equívoco gráfico, ou mesmo do autor, pois a estrutura desgarrada é, claramente, uma **retomada**, ou mesmo uma **avaliação** da informação dada no último período do parágrafo anterior.

O exemplo (28) evidencia melhor a questão:

(28) Enfim, este estudo fornece, pela primeira vez, as bases de uma descrição detalhada do gênero *diário de leituras*, como uma entidade que reúne propriedades dos gêneros *diário íntimo*, *resumo* e *comentário de texto*.

Trabalho notável, portanto, que tive a honra e o prazer de co-dirigir e que me deu, além disso, um verdadeiro prazer de leitura, a despeito de meu domínio muito relativo do português. Sob o estilo austero da argumentação científica, aflora, de fato, permanentemente, o prazer da autora, a profundidade de seu investimento e o olhar definitivamente poético que dirige aos textos dos outros, assim como à sua própria experiência. (BRONCKART, Jean-Paul. Prefácio. In: MACHADO, Anna Rachel. *O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 25).

Por tudo isso, nem vejo necessidade de se abordar o aspecto “posição”, no caso de ‘desgarramento’. E, por isso mesmo, não creio que se deva falar que uma estrutura ‘está’ desgarrada, mas que **ela É desgarrada!**

3. Considerações finais

Para terminar a discussão aqui apresentada e exemplificada, segue-se um trecho com várias estruturas desgarradas de mesma tipologia. Observe-se a força focalizadora também da ocorrência sequenciada dessas estruturas, que estão sinalizadas por recursos gráficos diferentes (negrito, itálico e sublinhado), para indicar que se trata de várias desgarradas:

(29) Conhecido mundialmente (sic) como o país do jeito para tudo, o Brasil vai se revelando o país que não tem jeito mesmo. É como se existisse na nação uma falha estrutural. **Uma auto-indulgência congênita que frustra todas as tentativas de reformá-la.** *Uma maldição mais forte do que o sentimento de culpa. Uma urucubaca que leva a uma constatação asfixiante: na política brasileira, não há mais culpados nem inocentes, só há cúmplices.* O cinismo transcende a indignação das ruas. (SOUZA, Josias de. UOL, 16/08/2015, 05h31min)

Finalmente, quero terminar essa exposição da maneira como meu livro sobre as desgarradas começou: no excelente e carinhoso Prefácio elaborado pelos queridos colegas linguistas Erotilde Goreti Pezatti e Roberto Gomes Camacho, ambos da UNESP-São José do Rio Preto (PEZATTI; CAMACHO, 2011, p.11-14). Relembrando a tradição greco-alexandrina para a ideia de unidade de informação (ou frase) como uma “expressão que se basta”, um enunciado que tem um “fim em si mesmo”; e aplicando Câmara Jr. (Princípios de Linguística Geral) para o tratamento das desgarradas, ressaltam aqueles autores o “funcionamento autônomo no intercâmbio social” que têm essas estruturas. Ressaltam, ainda, o fato de eu ter observado,

por um lado, que as propriedades de enunciados linguísticos são adaptáveis aos objetivos comunicativos do usuário de língua, na interação com outros usuários, e, por outro, que toda a explicação linguística deve ser buscada na relação entre língua em uso no contexto social (PEZATTI; CAMACHO, 2011, p. 13-14).

De tudo o que foi dito até agora, penso que se pode ver o ‘**DESGARRAMENTO**’ como **ESTRATÉGIA DE FOCALIZAÇÃO NA ARGUMENTAÇÃO**.

Referências bibliográficas

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*, 37 ed. ver. e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999, p. 48 e ss.).

DECAT, M.B.N. Por uma abordagem da (in)dependência de cláusulas à luz da noção de “unidade informacional”. *SCRIPTA* (Linguística e Filologia), Belo Horizonte, PUC Minas, v.2, n.4, p. 23-28, 1999.

DECAT, M.B.N. A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: DECAT et al *Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001. (Coleção Ideias sobre Linguagem).

DECAT, M.B.N. *Estruturas desgarradas em Língua Portuguesa*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

HALLIDAY, M.A.K. *Na Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold Publishers Ltd., 1994 [1985].

NEVES, M.H. de Moura. As construções concessivas. In: NEVES, M.H.M. (org.) *Gramática do português falado*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, v. VII (Novos Estudos), 1999.

OLIVEIRA, M.A.; BRAGA, M.L. On focussing sentences in Brazilian Portuguese. In: GUY, Gregory R. et al (eds) *Social interaction and discourse structures* (Papers in honor of William Labov). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1997, p. 207-221. (Series: Towards a social science of language 2).

ONO, Tsuyoshi; THOMPSON, Sandra A. Unattached NPs in English Conversation. *Proceedings of the Twentieth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*. Berkeley, 1994, p. 402-419).

PEZATTI, E.G.; CAMACHO, R.G. Prefácio. In: DECAT, M.B.N. *Estruturas desgarradas em Língua Portuguesa*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011, p. 11-14.

SOUZA, Gisele C. de. *Se tempo fosse condição...: um estudo das estruturas de tempo e condição no português oral brasileiro*. São José do Rio Preto, SP: UNESP/IBILCE, Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), 2003.

Abstract

This paper brings to the center of discussion structures that are instantiated as independent utterances, thus the label “unattached”, considered in traditional studies as subordinate clauses without a main clause. Within the framework of functional linguistics, we propose here that the phenomenon of “detachment” is a strategy used by the speaker to create focus in order to attain her communicative goals, and thus it constitutes an organizational option in service of interactivity. In order to do so, we first discuss aspects that are not relevant to characterize detachment, and then we describe its most relevant patterns found in language use. The data used in this paper is mostly from written language, since the phenomenon in question is more evident in this modality of language use.

Keywords: unattached structures; focalization; clause combining; organizational options; functionalism.